



RAP E BRANQUITUDE

Jorge Hilton de Assis Miranda¹

Resumo: Este artigo é um recorte adaptado de minha pesquisa², em desenvolvimento no mestrado na Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Aqui, analiso algumas letras de *rappers* com fenótipo branco, para avaliar em que medida o tema Branquitude tem feito parte do olhar crítico dos mesmos, através de suas composições. Verifico a percepção desses artistas sobre sua própria identidade racial, sobre a identidade racial do grupo branco e como eles a relacionam ou não com o fenômeno do racismo brasileiro.

Palavras-chave: Branquitude; Rap; Rappers; Racismo.

RAP AND WHITENESS

Abstract: This article is an excerpt adapted from my research under development in the master's degree at the State University of Bahia (UNEB). Here I analyze some letters of rappers with white phenotype in order to evaluate to what extent the subject whiteness has been part of the criticism of them, through their compositions. I notice the perception of these artists about their own racial identity, racial identity on the white group and how they relate or not the phenomenon of Brazilian racism.

Keywords: Whiteness; rap; rappers; racism.

RAP ET BLANCHITUDE

Resumé: Cet article est un part adapté de ma recherche, en développement dans le de maîtrise à l'Université de l'État de Bahia (UNEB). Ici, j'analyse quelques lettres des *rappers* avec phénotype blanc, pour évaluer en quelle mesure le thème Blanchitude a fait parte du regarder critique d'eux-mêmes, à travers leurs compositions. Je vérifie la perception de ces artistes sur leur propre identité raciale, sur l'identité raciale du groupe blanc et comment elles sont liées ou non avec phénomène du racisme brésilien.

Mots-clés: Blanchitude; Rap; Rappers; Le Racisme.

RAP Y BLANQUITUD

¹ MIRANDA, Jorge H. A. 37 anos, é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Especialista em História das Culturas Afro-brasileiras pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) e Cientista Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É músico, ator e ativista. Fundador do Movimento Hip-Hop Baiano. Compositor e vocalista da banda Simples Rap'ortagem, membro da organização mundial Zulu Nation.

² Intitulada "Hip-Hop, Branquitude e Mestiçagem: reflexões para uma luta antirracista", a ser concluída no final de 2014.



Resumen: Este artículo es un recorte adaptado de mi pesquisa, en desarrollo en la maestría de la Universidad Estatal de la Bahia (UNEB). Aquí, analizo algunas letras de rappers con fenotipo blanco, para evaluar en qué medida el tema Blanquitud tiene hecho parte de la mirada crítica de los mismos, a través de sus composiciones. Verifico la percepción de estos artistas sobre su propia identidad racial, sobre la identidad racial del grupo blanco y como ellos la relacionan o no con el fenómeno del racismo brasileño.

Palabra-clave: Blanquitud, Rap, Rappers, Racismo.

INTRODUÇÃO

A música Rap se desenvolveu carregando uma riqueza estética e variedade temática que engloba, dentre outras, a dimensão da descontração, da denúncia crítica e do duelo (batalha artística). No Brasil, surge na década de 1980. É uma tendência em crescimento, destacando-se com as suas músicas de protesto; sobretudo, de raça e classe. (GILROY, 2001). Nos anos 1990, se firma com a denúncia ao racismo e a partir de 2000 os duelos ganham visibilidade. Durante o período de desenvolvimento desse estilo musical no país, surgiram *rappers*³ brancos, com carreira individual ou em grupo, fazendo eclodir incômodos e questionamentos por parte de simpatizantes, artistas e ativistas do Hip-Hop sobre a legitimidade dos mesmos em se apropriarem da música Rap, originalmente cantada por negros oriundos das camadas populares.

Esse e outros assuntos no campo das relações raciais ainda geram melindre no universo H2⁴ e poucas vezes foram encarados de modo objetivo, apontando assim para necessidade de maior aprofundamento e reflexão. Nesse caminho, é coerente mergulhar nos estudos sobre branquitude, buscando novos olhares sobre as relações raciais. Para Cardoso (2010, p. 610):

(...) a investigação e análise sobre a identidade racial branca procura problematizar aquele que numa relação opressor/oprimido exerce o papel de opressor, ou, por outras palavras, o lugar do branco numa situação de desigualdade racial. (...) Vale lembrar que a teoria antirracista, de maneira geral, tem restringido em pesquisar o oprimido, deixando de lado o opressor. (...) De modo breve gostaria de dizer que as pesquisas sobre a branquitude ao focar o branco em suas pesquisas, não propõem que se negligenciem as pesquisas a respeito da negritude, e sim, chamam a atenção e procuram preencher uma lacuna nas teorias das relações raciais.

³ Cantores da Música Rap.

⁴ H2 é utilizado na cena artística como abreviação para Hip-Hop.



DEFININDO A BRANQUITUDE

Ser branco enquanto indivíduo ou coletividade significa ter vantagens simbólicas, subjetivas e objetivas em relação a outros grupos raciais. É um modelo fenotípico tido como ideal, como padrão normativo único. A branquitude é uma condição de privilégio herdado pelas pessoas brancas, fruto da representação dessa raça como modelo universal de humanidade (PIZA, 2002). Porém só uma minoria dos brancos consegue perceber e admitir esse privilégio. Existem no Brasil *rappers* brancos que fazem parte dessa minoria?

Conforme Cardoso (2010), será utilizado o conceito de *branquitude crítica*, entendida como postura individual ou coletiva de autorreconhecimento enquanto branco, detentor de privilégios, mesmo que involuntários, e que desaprova publicamente o racismo.

RAPPERS BRANCOS QUE CRITICAM O RACISMO, MAS NÃO A BRANQUITUDE

No diversificado repertório da música Rap brasileira, encontramos rico material para reflexões sobre limites e potencialidades na luta pela superação do racismo. Várias canções apresentam problemáticas instigantes para a compreensão do tema. Na letra Lavagem Cerebral (1993), o *rapper* Gabriel O Pensador canta:

(...) Não seja um imbecil, não seja um Paulo Francis
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
O que que importa se ele é nordestino e você não?
O que que importa se ele é preto e você é branco?
Aliás, branco no Brasil é difícil,
Porque no Brasil somos todos mestiços
Se você discorda, então olhe pra trás
Olhe a nossa história, os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura, então por que o preconceito?
Barrigas cresceram, o tempo passou
Nasceram os brasileiros cada um com a sua cor
Uma com a pele clara, outra mais escura
Mas todos vieram da mesma mistura
Então presta atenção nessa sua babaquice
Pois como eu já disse: racismo é burrice.



Gabriel, em nenhum momento da música, faz menção a sua posição de branco, e seus versos soam como uma quase afirmação de que não existem brancos no País, pois “nascemos da mistura”. Considera de modo preponderante a questão pelo ponto de vista biológico, amenizando a importância do fenótipo. A solução para o fim da discriminação racial passaria pela mera aceitação de que não existe pureza racial no Brasil, somos todos frutos de uma grande mistura de povos. Porém, Munanga (1997) critica tal pensamento, afirmando que a mestiçagem não pode ser concebida apenas como um fenômeno estritamente biológico, mas antes de mais nada, a partir de categorias cognitivas largamente herdadas da história da colonização. É através dessas categorias de conteúdo muito mais ideológico do que biológico que adquirimos o hábito de pensar nossas identidades sem nos darmos conta da manipulação do biológico pelo ideológico.

A ideia de mestiçagem faz com que muitos indivíduos brancos não se reconheçam como tal, e neguem sua posição histórica de privilégio, adotando um posicionamento omissivo frente às desigualdades raciais. Acabam por acreditar, majoritariamente de modo não declarado, que tal desigualdade se justifica por inferioridade ou por culpa do negro. Tanto a branquitude quanto a mestiçagem são engrenagens de uma mesma máquina reprodutora de desigualdades.

Vejamos o que dizem os *rappers* do grupo paulista Filosofia de Rua, na música A cor da pele (1993):

Se continuarmos pensando do jeito que muitos estão
Sempre colocando homem branco como vilão
Não chegaremos a nada, será uma palhaçada
Ai, meu Deus, a cor da pele não influi em nada!
Se nós continuarmos pensando assim
Vai estar muito mais próximo o nosso fim
Eu te garanto que de nada vai adiantar
Você precisa parar um pouco para pensar
Que não é todo branco que é culpado
Eu te garanto que existem muitos brancos conscientizados
A cor da pele não influi em nada
Será que é pedir muito a união das raças?
Se você tem um antepassado que foi escravizado
Não me olhe assim
Eu sou branco, mas não sou culpado
E os *blacks in the rudi* estão do nosso lado
Existem brancos e negros que vivem juntos felizes
Outro se digladiam, isso é muito triste.



O verso "A cor da pele não influi em nada" parece comprometer a reflexão dos *rappers*. Ao que indica, nega a influência do fator epidérmico nas manifestações do racismo. Se a cor da pele não influi, o que influi então? Não está explicitado.

Eles convocam os negros a não generalizar a crítica e a se unirem aos brancos conscientizados. Se autodeclaram brancos, afirmam que não é todo branco que é culpado, no entanto, em nenhum momento fazem menção à condição de privilégios que possuem, ainda que involuntários. Se "não é todo branco que é culpado", algum o é. A referência dessa parcela que seria a causadora ou reprodutora do racismo aparece nos próximos versos:

O passado dos pretos foi sofrido e doloroso
O homem branco do preto tinha nojo
Hoje em dia realmente é bem diferente
O homem branco é muito mais consciente
Nas coisas que faz, vê, escuta e fala
A cor da pele não influi em nada
Eu raciocino como negro, por fora a minha pela é clara
Tem muito preto original que não diz nada com nada
É motivo de risada, pra nós vira a cara
E o pior de tudo nega sua própria raça
Vocês sabem muito bem quem são os brancos racistas
São os *playboys*⁵, os políticos e os neonazistas
Espero que a minha música sirva como um apelo
Para a reflexão de muitos negros
Falar do racismo, da sua origem, do seu sofrimento
Tudo bem, eu te respeito, é um direito, negro!
Pra ser mais sincero, enxergo o sofrimento
Dessa raça falida, sofrida, oprimida
Que luta para ter uma vida digna
Mas existe negro que não se conscientiza
Se eu fosse um burguês, não estaria aqui
Desabafando pra tentar as raças unir
Então, batam na minha cara se eu estiver errado
Eu tenho a pele clara, mas eu não sou culpado
De toda a sujeira que a raça branca fez no passado
(FILOSOFIA DE RUA, 1993)

⁵ Na música Retrato de um playboy (1993), Gabriel O Pensador define *playboy* como o jovem das camadas abastadas de postura descompromissada e irresponsável, que não liga para estudo ou trabalho só preocupado em curtir a vida desregradamente.



A banda se preocupa em afirmar que, embora seja do mesmo grupo racial que colonizou o País, não se sente responsabilizada pelos crimes cometidos por esse grupo. Não vai além de apontar quem são os brancos racistas: "os *playboys*, os políticos e os neonazistas". Limita-se a dizer que "Hoje em dia (...) o homem branco é muito mais consciente". Certamente a afirmação não se estende à consciência dos privilégios em ser branco, seja coletivo ou individual. Talvez por desconhecimento do tema, não aborda as consequências da branquitude, como tais privilégios operam reproduzindo desigualdades, como essa dinâmica beneficia o grupo racial branco ao passo que vitimiza homens e mulheres negras, afetando sua identidade e comportamentos. Ao contrário, em parte considera a culpa do racismo sendo do negro que "nega sua própria raça" e "não se conscientiza".

RAPPERS BRANCOS E A PERCEPÇÃO DA BRANQUITUDE

É bastante diversificado o modo como os *rappers* brancos se autodeclaram racialmente. Os que fazem menção à própria condição de branco, geralmente não focam denunciar o racismo em seus discursos. Há um predomínio em apenas proclamar a união racial. Há os que se afirmam brancos, mas somente abordam a discriminação a qual foram vítimas. Há também os que não fazem nenhuma menção direta a sua identidade racial, mas somente social, com exaltação da baixa condição financeira.

A *rapper* Flora Matos, em sua música intitulada Preto No Branco (2012), diz:

O branco de preto
E o preto de branco
Preto no branco
Preto no branco (...)
Ficar de canto na pista é bobagem
Desenvolve a dança pra chegar no baile
Mulata bonita dança de verdade
Requebra no *beat* e o DJ solta a base
MC chega e desenvolve no mic
Inspirando as obras de arte no graff
É o rap na vida da gente, meu chapa!
O preto e o branco num belo contraste (...)
Um trampo no gueto
É um preto no trampo
Um preto no banco
Um gueto no grampo (...)



Um trampo no beco
É um gueto no trampo
O branco de preto
E o preto de branco.

Analisei outras músicas da artista e essa é a única encontrada que aborda a questão cor de pele. Na letra, a percepção da sua identidade branca não é visível. Não há autodeclaração racial. Fala de festa e de um desejo de interação entre pretos e brancos. Ela prossegue:

Homem de malote
Mulher de tamanco
Homem de maloca
Mulher de malandro
Preto de cartola
Branco de turbante
O branco diz preto
E o preto diz branco (...)
O beijo do preto
O desejo do branco
O branco de preto
E o preto de branco
(FLORA MATOS, 2012)

Não há menção a desigualdades existentes entre pretos e brancos. Nenhum problema é apontado. Na proposta da música, mantém-se o desejo de interação sociorracial com a valorização do gesto de assimilar a cultura característica do outro.

O *rapper* De Leve segue uma linha semelhante. Suas canções geralmente são escritas na primeira pessoa do singular e abordam o seu cotidiano. Na música México (2010), ele canta:

Mulé cê quer um papo cabeça, liga pro Pedro Bial
Não me formei na PUC, fugi da Federal
Não quero falar sobre física quântica
Filosofia, democracia, poesia romântica
Nada de Kant ou Schopenhauer
Não quer que cante, paga um chopp e dá 1 real
Não leio jornal há dois anos e não assino a Veja
Mas posso fingir que sei se você pagar uma cerveja.

Foram analisadas diversas letras desse artista, e aqui também não aparece afirmação referente à própria cor. Ele canta de modo descompromissado e com sátira. Nesse trecho, se restringe a citar autores e temas familiares ao meio acadêmico e, ao que tudo indica, ao seu círculo social, ao tempo que os nega. Em sua outra composição intitulada *Só pode ser sonho*, ele diz:



Mas eu sou vagabundo, diferente de todo mundo
Oriundo de uma classe antes média, hoje pobre
Que come ovo todo dia, mas arrota carne nobre
Sendo que minha mãe era pobre, meu pai, nordestino
Tento manter dignidade, mas será que meu destino
É continuar igual, eles ficando duro?
(DE LEVE, 2010)

Seria interessante saber o que o *rapper* entende como "ser pobre". Essa exaltação do baixo poder aquisitivo pode ser uma estratégia artista para ser melhor aceito na comunidade Hip-Hop, onde a música Rap historicamente é considerada som de preto, oriundo das camadas populares. O fator social é apresentado como algo comum. O que não o livra de sofrer, por parte de artistas não brancos, críticas e acusações de aproveitador e *playboy*. Para Cardoso (2010, p. 182):

Problematizar o branco pobre ilustra a complexidade existente quando se olha de perto o indivíduo ou grupo branco. Em uma modesta hipótese, acredito que problematizar a branquitude na sua diversidade pode contribuir para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre as sutilezas da lógica de classificação social que, ao resultar em múltiplas e distintas hierarquias, gera prejuízos para uns e privilégios para outros. Se, como já foi assinalado, o ponto em comum entre os diversos grupos brancos seria a obtenção de privilégios, é natural que os privilégios obtidos sejam diversos entre si. A compreensão dos múltiplos aspectos da branquitude pode resultar na maior complexificação das diferentes formas de privilégios obtidos pelos brancos em práticas racistas, por vezes, sutis.

O que faz esse e os demais *rappers* citados evitarem a autodeclaração enquanto brancos? Uma hipótese é o desejo de manter-se numa zona de relativo conforto, uma vez que o tema racismo gera polêmicas e normalmente só é trabalhado por quem se vê afetado diretamente por esse problema. A branquitude se mantém como uma forte guardiã silenciosa de privilégios (BENTO, 2010).

Seguindo uma postura um tanto diferenciada, o *rapper* Suave, do extinto grupo Jigaboo, na música *Qual é a Cor?* (1997) não só se autoafirma branco, como problematiza a questão de modo irônico:

Qual é a cor do teu estilo e que predomina?
Alguns têm pouco, outros têm bastante melanina
A minha cor é transparente como um copo d'água
Porque pra mim a tua cor não quer dizer nada
Eu faço rap sendo preto, branco ou amarelo
Tenho mais "collor" do que aquele Fernando de Mello
Não sou racista, nem nazista, sou da raça mista
Rap não é onda, mas se fosse eu era surfista



Não discrimino, mas às vezes sou discriminado
Por ser um *rapper* loiro, branco e de olho claro
Eu nunca fui aquele bom filhinho, bom aluno
Subi no morro duas vezes só pra comprar fumo
Fazia shows com a rapaziada barra pesada
Mas comigo nunca aconteceu nada
Andava com neguinho pobre, odiava rico
Pichava em muro branco pra deixar meu nome escrito.

Ele, que também canta na primeira pessoa, e se define como "loiro, branco e de olho claro", ressalta essa condição para apontar a discriminação que sofre e não para reconhecer privilégios que suas características fenotípicas lhe conferem. O verso "A minha cor é transparente como um copo d'água", sugere uma postura neutra, ou seja, uma vez que se é "da raça mista", a melanina deve ser um fator sem importância para quem canta Rap. Talvez como forma de se defender do rótulo de *playboy*, a diferença social é apresentada num contexto de aproximação do *rapper* com um mundo diferente do seu, seja subindo o "morro duas vezes só pra comprar fumo" ou andando com "neguinho pobre".

Nos três artistas citados neste capítulo, a percepção sobre a própria branquitude revela-se inexistente. Mesmo no *rapper* Suave, que se autoidentifica como branco, não há nenhuma referência a condições de privilégios ou vantagens sociais que o fenótipo possa conferir para si ou para camada racial a qual pertence. Com isso, surgem alguns pontos a serem investigados: É um problema se assumir branco? Que impacto uma mudança de postura pode ter ao reconhecerem-se como brancos detentores de privilégios sociais? Nessas condições, em que medida os *rappers* brancos podem contribuir para a superação do racismo?

RAPPER BRANCO E O QUESTIONAMENTO DOS PRÓPRIOS PRIVILÉGIOS

A noção de privilégio é indispensável para compreender as teorias sobre racismo (BENTO, 2002b, p. 28). Nesse sentido, o *rapper* de pseudônimo Preto Du, vocalista do grupo baiano Simples Rap'ortagem, canta na música autobiográfica intitulada *Denegrída* (2011):

Era uma vez um menino que nasceu, cresceu
Tendo tudo muito fácil, se desenvolveu
Mas de pensamento ágil, como poucos têm
Pensamento que desvia da linha do trem
Tem vergonha de uma história onde ele mesmo explora
E é nessa hora de vergonha que seu pensamento aflora
E aflorou, feito uma primavera
Então pra esse menino começou uma nova era (...)



Eu vou te ferir e jogar sal na sua ferida
Eu vou denegrir, com minha letra atrevida
Privilégio, no colégio
Na saúde, no comércio
Eu tenho porque tenho pele branca
E quem tem e não se manca
Mente pra si mesmo e se engana
Com a história de primário insana
Se tem negros completamente embranquecidos
Sou um branco completamente denegrido.

Aqui, tem-se um exemplo de *branquitude crítica*. Preto Du narra o seu despertar sobre a própria branquitude. Seu posicionamento é autocrítico e de denúncia direcionada ao grupo racial branco, o qual faz parte. O trecho "eu vou denegrir com minha letra atrevida" sugere posituação, tornar negra a cultura dominante branca. Aponta diretamente onde o fenótipo favorece seu grupo: educação, saúde, comércio, e quando diz "eu tenho porque tenho pele branca", declara abertamente que a cor da sua pele contribui para sua boa posição financeira. Sem negar a sua identidade racial, inverte a lógica do embranquecimento: "se tem negros completamente embranquecidos, sou um branco completamente denegrido".

Em concordância com Schucman (2012), uma das contribuições que um branco pode fazer pela e para a luta antirracista é denunciar os privilégios simbólicos e materiais que estão postos nessa identidade. Para Cardoso (2010), os privilégios que resultam do pertencimento a um grupo opressor é um dos conflitos a serem enfrentados, particularmente, pelos brancos antirracistas. Esse conflito pessoal tende a emergir no momento em que se visibiliza a identidade racial branca. Preto Du continua tencionando:

Que se f.., a discriminação racial
O objetivo das cotas é ascensão social
Quantos negros na TV nós vemos?
Quantos negros no poder nós temos?
Quantos escritores negros nós lemos?
E o que fazemos?
(SIMPLES RAP'ORTAGEM, 2011)

Os questionamentos do *rapper* são desconcertantes e trazem à tona diferentes contextos pelos quais as desigualdades entre negros e brancos se manifesta. No sentido de superar qualquer traço racista que se tenha, talvez a primeira tarefa dos que possuem a *branquitude crítica* seja uma dedicação individual cotidiana e, depois, a insistência na crítica



e autocrítica quanto aos privilégios do próprio grupo (CARDOSO, 2010, p. 624). E a defesa das cotas raciais por pessoas brancas é um bom exemplo dessa questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange a busca pela superação do racismo, há um importante desafio a ser encarado: qual o papel do branco nesse processo? Racismo não é um problema do negro, e sim da sociedade. Da mesma forma que para a superação do machismo é importante o reconhecimento da posição de privilégio e poder por parte dos próprios homens e, acima de tudo o seu comprometimento em questionar tal condição numa luta pela equidade de gênero, assim também vale para os brancos em relação à equidade racial.

Dos seis *rappers* analisados neste artigo, apenas na obra de um foi possível verificar a branquitude crítica. Tais artistas que carregam a imagem de críticos sociais podem contribuir de modo significativo para o debate com suas músicas e ações. As reflexões sobre esses assuntos podem cooperar para uma maior visibilidade da questão, sensibilizando outros indivíduos brancos, dentro e fora do Hip-Hop, os encorajando a perceberem sua posição de privilégio e a se sentirem responsáveis em contribuir na busca de uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUZO, Alessandro. *Hip-Hop: dentro do movimento*. Rio de Janeiro. Aeroplano. 2010.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Cidadania em Preto e Branco: discutindo as relações raciais*. São Paulo: Ática, 1998.

CARDOSO, Lourenço. *O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil - 1957-2007*. (Dissertação de mestrado), Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.

_____. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista - São Paulo, SP, Brazil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Vol. 8, Nº. 1, 2010, p. 607-630.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.



- FRANKENBERG, Ruth (2004), “A miragem de uma branquidade não marcada”. In: WARE, Vron (org.) *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 307-338.
- MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. *Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip-Hop. Caderno do CEAS - N° 223*. 2006.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade Nacional versus Identidade Negra*. 2. ed., Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- NETO, Valfrido Moraes. *A Ressignificação dos Elementos do Movimento Hip-Hop na Cidade de Salvador*. Monografia, Ciências Sociais, UFBA. 2006.
- OLIVEIRA, Ana Paula Conceição. *Movimento Hip-Hop: Educação em quatro elementos*. Monografia (Bacharelado em Pedagogia), Faculdade de Educação (FACED), UFBA, Salvador, 2007.
- OLIVEIRA, L. O. A. *Expressões de vivenciais da dimensão racial de pessoas brancas: representações de branquitude entre indivíduos brancos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2007.
- PIMENTEL, Spensy K. *O livro vermelho do Hip-Hop*. São Paulo: ECA/USP. 1997.
- PIZA, Edith. *Porta de vidro. Entrada para a branquitude*. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- _____. *Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu*. In: HUNTLEY, Lynn; GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo (org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 97-125.
- LEAL, Sérgio José de Machado. *Acorda hip-hop!: despertando um movimento em transformação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo da miscigenação*. In: Heloisa Maria Bertol Domingues; Magali Romero Sá; Thomas Glick. (Org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, v. 1, p. 165-180.
- SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- _____. *Por que tenho razão: branquitude, Estudos Culturais e a vontade de verdade acadêmica*. *Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura Journal of Communication and culture*. vol. 3, nº 2, p. 159-180, julh. Dez, 2005.



WARE, V. (org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LINKS - letras e músicas:

DE LEVE, música México (2010). Disponível em: <<http://letras.mus.br/de-leve/543221/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

_____, música Só pode ser sonho (2010). Disponível em: <<http://letras.mus.br/de-leve/1159301/>> Acesso em: 27 mar. 2014.

FILOSOFIA DE RUA, música A cor da pele (1993). Disponível em: <<http://letras.mus.br/filosofia-de-rua/100126/>> Acesso em: 03 abr. 2014.

FLORA MATOS, música Preto no Branco (2012). Disponível em: <<http://letras.mus.br/flora-matos/preto-no-branco/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

GABRIEL O PENSADOR, música Lavagem Cerebral (1993). Disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/66182/>> Acesso em: 03 abr. 2014.

JIGABOO / Rapper Suave, música Qual é a Cor? (1999). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=tBZpdTfGyiU>> Acesso em: 27 mar. 2014.

SIMPLES RAP'ORTAGEM / PRETO DU, música Denegrída (2011). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iT2Fia3-e-0>> Acesso em: 03 abr. 2014.

*Recebido em março de 2014
Aprovado em maio de 2014*